



Matrimónio e Família – por antóniodesousa 15.04.2008

O matrimónio é um valor sagrado e constitui-se pilar da família. Esta, por sua vez, é componente importante da Igreja – a Igreja doméstica.

O mundo actual está carregado, como no passado, de desafios feitos a cada um de nós individualmente e decisões que vamos fazendo em sociedade que não nos retiram responsabilidades sobre as consequências.

À medida que o Homem vai conquistando progressos no conhecimento, nas ciências, nas técnicas, nas formas de resposta às necessidades de um mundo em constante mudança vai, a nosso ver, perdendo a humildade e pensando que é senhor do mundo, podendo fazer tudo aquilo que lhe apetecer. Esta situação não é nova já que em cada momento histórico o homem foi acreditando no mesmo. Nos nossos dias compete a cada um de nós não nos pormos em “bicos de pés” para tocar o Céu.

O bem-estar da pessoa e da sociedade humana e cristã é naturalmente afectado pela poligamia, pelo divórcio, pelo amor sem compromissos. Será que todas as mudanças significativas proporcionadas pelos avanços tecnológicos têm permitido a melhoria significativa do nosso bem-estar? A realidade é que assistimos a uma completa insatisfação.

Estaremos disponíveis para a necessária mudança das nossas vidas?

Durante as várias fases da nossa vida, a mudança assusta-nos e refugiamo-nos num amontoado de falsas desculpas e justificações para os nossos actos. Desta forma e como habitualmente, parece que amansamos a nossa (in) consciência e lá seguimos pela estrada fora de uma vida de permanente insatisfação.

No carrocel das nossas vidas, mal conseguimos um determinado objectivo, na maioria das vezes um objecto material, nem gastamos tempo para o disfrutar com calma. Arrancamos desenfreadamente para um próximo objectivo, numa ânsia constante, numa procura que desagua na completa e permanente insatisfação.

Vamos criando todo um conjunto de camadas para nos proteger. O nosso orgulho, a nossa dignidade, o título académico, a nossa fútil vaidade, as medalhas e os diplomas que vamos coleccionando, a posição social e as formas como vamos procurando que os outros nos considerem importantes. Todas estas “defesas” não nos ajudam a encontrar o caminho da felicidade. Ligam-nos às coisas materiais e empobrecem-nos a alma.

O matrimónio e a família são hoje em dia maltratados. Não sabemos se no passado existiu maior dignidade no tratamento dessas instituições. Porém, o desafio não está em modificar o passado, mas sim em procurar alterar o presente para que o futuro possa ser diferente para melhor. Não se trata de mudar o mundo, mas sim mudar o homem para que o mundo possa mudar.

Perceber o casamento na Igreja - Matrimónio - como um sacramento em que se estabelece uma aliança entre os cônjuges e destes com Deus. Aqui reside, a meu ver, o fulcro da nossa decisão. Trata-se de vínculo sagrado que não poderá nunca estar ao arbítrio da vontade humana. Tal como Jesus amou a Igreja (os homens) e se entregou por ela, os cônjuges, dando-se um ao outro, se amem com perpétua fidelidade.

Que motivos levam um homem e uma mulher a celebrar o casamento na Igreja?

Por tradição, pressão social e/ou familiar? Na busca de maior segurança? Para dar dimensão espiritual ao nosso amor e construir uma verdadeira família?

“O casamento na Igreja consiste na união de duas pessoas comprometidas com Deus e que desejam construir solidamente a sua vida de acordo com o projecto de Jesus Cristo, inseridos na Igreja e na sociedade civil organizada” (in Guias de Diálogo dos Centros de Preparação para o Matrimónio).

Somos confundidos com as notícias dos jornais, das revistas “cor-de-rosa” em que nos dão como modernos e socialmente reconhecidos diferentes estilos de vida. Estrelas que casam mas não pensam ter filhos já que perderiam a sua liberdade. Notáveis que casam mas continuam a viver em casas separadas e vão passar férias para sítios diferentes, cada um com os seus amigos. Homens e mulheres que constituem famílias bastante alargadas com os respectivos “ex” e a prol dos filhos de cada casamento que foram alegremente coleccionando. Casamentos entre indivíduos do mesmo sexo que passaram a ser encarados como símbolos das sociedades modernas. A castidade e a fidelidade como coisas fora de moda e até encaradas como provincianismo ou atraso mental. Vidas sedentas de conquistas sociais e politicamente correctas.

Sabemos que à semelhança do passado a vida dos casados não é fácil. Por razões conjunturais porventura diferentes das vividas pelos nossos pais e avós, o projecto de vida em comum abençoado por Deus traz desafios e compromissos que só o amor um pelo outro, reforçado pelo amor que Jesus tem por nós, pode manter ao longo das nossas vidas.

Trata-se de um amor em que pelo matrimónio participamos no amor de Deus, renovamos a aliança com Ele e assumimos o projecto de viver o Evangelho a dois pela celebração da fé, pelo testemunho da fé e anunciando Jesus Cristo.

Também na relação de amor com os filhos do casal se reproduz esse compromisso: na educação geral e, em especial, a religiosa. É um legado que vai passando por todas as gerações e trazendo uma vivência cristã que enriquece a família, mas também toda a sociedade onde esta se insere.

Acredito que nem sempre recebemos a catequese correcta. No passado, os nossos pais foram confrontados com um Deus castigador em que por não comerem a sopa, ou por serem irrequietos tinham desde logo como destino o “inferno”.

Hoje somos levados a conhecer um Deus que nos ama e que nos quer à imagem de Jesus Cristo.

Princípios como a igualdade na dignidade do homem e da mulher, a exclusão de toda e qualquer espécie de adultério e divórcio, são valores que ficam marcados pelo compromisso do matrimónio.

Percebemos que afinal nem tudo o que tem a ver com sexo é pecado ou implica reprodução. Como li no texto distribuído “são honestos e dignos os actos pelos quais os esposos se unem em intimidade e pureza; realizados de modo autenticamente humano, exprimem e alimentam a mútua entrega pela qual se enriquecem um ao outro na alegria e gratidão”.

Como dizia Aristóteles “amar é querer a felicidade do outro”. Amar é dar-se ao outro e acolher o outro. A relação sexual não é o único meio de expressão do amor, mas deve ser a “mais profunda e comprometedora comunicação entre duas pessoas de sexo diferente”.

“Todo o amor é fecundo pelo que o amor conjugal deverá sonhar e realizar um projecto de vida a dois, gerar novas vidas, acalentar a comunidade familiar e iluminar o caminho dos outros. (in Guias de Diálogo dos Centros de Preparação para o Matrimónio).

Os filhos são uma dádiva de Deus, “o maior dom do matrimónio e contribuem muito para o bem dos próprios pais”. Assim, a sexualidade humana tem várias dimensões: a erótica e relacional mas também a procriadora.

Compete ao casal, sempre à luz da sua vivência cristã e, como tal, não esquecendo o seu papel de colaborador na obra criadora de Deus, o de determinar responsabilmente o número de filhos que irá conceber.

Os métodos naturais de controlo da natalidade não devem ser excluídos, ao contrário do que somos muitas vezes levados a supor pelos chamados especialistas médicos. O papel destes deveria ser o de esclarecer sobre todos os sistemas que podem regular a procriação humana e não simplesmente a utilização de contraceptivos químicos.

O egoísmo de não ter mais filhos porque simplesmente nos faça ou não nos dá jeito deverá ser seriamente reflectido pelo casal. Uma paternidade e maternidade consciente e responsável não é necessariamente sinónimo de um único filho. Levantar em conta o bem dos esposos e dos filhos gerados ou a gerar, as condições económicas e sociais não significa qualquer crédito àquela conversa tantas vezes ouvida “eu, ter filhos...? num mundo horrível que está como está...? é uma total irresponsabilidade”.

O papel dos pais na educação dos filhos é determinante. Assim, esta tarefa não pode unicamente ser deixada a cargo de outras instituições como os infantários ou as escolas. A escola deverá ser um complemento da educação proporcionada pela família e, em especial, da mãe e do pai.

Também o respeito pela vida humana deverá fazer parte do compromisso do matrimónio. O facilitismo com que se faz e desfaz as nossas vidas e as coisas que nos são inconvenientes não poderá implicar a prática de soluções abortivas. Só Deus tem o dom da vida.

Sobre o eterno destino do homem lembro-me da leitura do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Lucas no seu capítulo 20, em que somos confrontados com o mistério da ressurreição. Em resposta à pergunta sobre com qual ficaria no Céu, a viúva que na Terra ia casando com os sete irmãos à medida que cada um deles ia morrendo, Jesus levanta como que uma ponta do véu.

Esta nossa vida na Terra é uma pedagogia, uma lição de aperfeiçoamento.

O casamento e a fidelidade, bem como todas as nossas relações com os nossos irmãos, são uma partilha que se exercita e um prenúncio da vida eterna onde essas regras já não fazem sentido.

No Céu, como anjos, todos nos relacionaremos com todos no Amor de Deus.

A nossa fé assenta na ressurreição. O Amor assume, assim, a sua eternidade. Se assim não for é porque não é amor. Ou amamos para sempre ou não amamos de verdade.

Nas nossas vidas nem sempre nos deixamos envolver do amor de Deus, mas Ele continua a amar-nos.